

## MEMÓRIA E AUTORIA FEMININA EM OITEIRO

Aldinida Medeiros (UEPB)

### RESUMO

Leitura de *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça*, uma narrativa que tem as reminiscências como fio-condutor. Neste livro, Magdalena Antunes apresenta a época áurea dos engenhos potiguares, possibilitando conhecer-se um pouco deste período da História do Rio Grande do Norte. Pessoas e fatos do seu passado, o cotidiano em família, as histórias contadas pelas escravas Tonha e Patuca transformam-se em matéria para a construção de um discurso de reminiscências, no qual o passado é retextualizado pelo enfoque da narradora-personagem, a sinhazinha do *Oiteiro*. A ênfase na autoria feminina é pertinente ao estudo deste romance por se tratar de uma época e de um contexto em que pouco se conhece de produção literária em prosa de autoras norte-rio-grandenses. Não se quer, com isto, travar um embate literário sobre gêneros. Não será apenas por ser de autoria feminina que o texto merece estudo. No entanto, por mais que se venha buscando elucidar a autoria feminina que não consta no cânone literário, ainda pesa certo desconhecimento sobre muitas autoras; ou pouco estudo sobre autoras que não possuem obra extensa, a exemplo de Magdalena Antunes com um único título publicado.

**Palavras-chave:** Narrativa; Memória; Autoria feminina.

*Há momentos especiais da nossa memória que, despertados, são um livro, uma vida.*

Seomara da Veiga Ferreira em *Leonor Telles ou o Canto da Salamandra*

“Ó velho oiteiro! Figura do passado! Templo de minhas primeiras impressões! Tu que em criança me assombravas e hoje me inspiras respeito e saudades! Quantas coisas recordas, ó árvore do pomar da minha felicidade!” (ANTUNES, 2003, p. 34). Estas palavras da autora estão no primeiro capítulo, intitulado “reminiscências” e mostram o porquê do título do livro. A árvore tão enfaticamente saudada dá nome ao engenho onde viveu a narradora. Com o subtítulo de *Memórias de uma sinhá-moça*, o livro tem suas páginas repletas das lembranças da sinhazinha que viveu o período dos engenhos de cana-de-açúcar, com suas moendas e escravos na região do Vale do Ceará-Mirim.

Para o escritor e crítico Câmara Cascudo (2003), a narrativa de Magdalena Antunes lembra *Minha vida de menina*, de Helena Morley; afirmação com a qual concordamos resguardadas as devidas proporções, visto que as duas autoras tiveram vidas completamente

diferentes, sobremaneira no aspecto socioeconômico. O enredo está distribuído numa sequência cronológica, mostrando linearidade temporal, através da qual se pode acompanhar a infância, juventude e início de vida adulta da narradora, principalmente os anos passados fora de casa, em um colégio religioso do Recife.

Diversos são os livros, na contemporaneidade, que trazem memórias. Do famoso *Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar, passando por *Memórias de Agripina*, de Seomara da Veiga Ferreira, a galeria varia também entre o simples memorialismo e o relato autobiográfico. O aspecto memorialístico, também ligado ao aspecto autobiográfico, é o ponto que consideramos máximo em *Oiteiro*. Isto porque, no ensaio *O pacto autobiográfico*, Philippe Lejeune define autobiografia como um relato de retrospectiva feito por uma determinada pessoa, com ênfase sobre si, sobre sua vida e personalidade. Encontramos em *Oiteiro* um painel descrito que mostra importantes aspectos históricos os quais podem ser (a)depreendidos a partir das evocações que tornam-no ao mesmo tempo um livro autobiográfico e de cunho memorialístico. Neste caso, estamos mencionando a memória do indivíduo, lembranças voltadas para sua individualidade. Mas, podemos também considerar que isto faz parte da memória coletiva, pois que um indivíduo é parte de um todo social.

### ***Memórias de uma sinhá-moça***

A memória tem seu valor inestimável propagado desde Aristóteles e Platão. Tão importante é para os gregos antigos que estes elegeram inclusive uma deusa para a memória, *Mnemonise*, mãe de nove musas, concebidas das nove noites que esta deusa dormiu com Zeus. Uma destas filhas é a História.

Segundo a tradição aristotélica transmitida por Averróes e Avicena, a memória ocupa lugar central na cognição humana, mas de maneiras diferentes. Como todo saber, a memória é primeiro psicológica e parte de impressões sensoriais. A memória é uma parte da alma a qual pertence a imaginação, e todas as coisas imagináveis são, em essência, objetos da memória. (GEARY, 2002, p. 178).

O estudo da memória perpassa diversos campos de estudos: antropológico, literário, histórico, sociológico, etc., norteando, sobremaneira os estudos relativos à oralidade e identidade de comunidades e povos.

A narrativa de Magdalena é de uma subjetividade latente, com as frases pontuadas quase todo o tempo por exclamações. Não é à toa que este é o segundo sinal de pontuação mais utilizado em sua escrita, depois do uso comum do ponto final. Percebamos o quanto a narradora deixa transparecer sua emoção ao falar de seu regresso definitivo ao lar: “Eis-me na terá amada! Parece incrível que uma pequena cidade, que mais parecia ‘um burgo de Idade Média’, pudesse exercer tanta sedução no meu espírito!” (ANTUNES, 2003, p. 251). Este recurso da estilística denota que a autora punha-se expressivamente naquilo que narra, construindo, assim para o leitor um perfil de si, revelando sua identidade construída socialmente através de suas memórias. Em *Oiteiro*, conforme dissemos, o memorialístico está o tempo inteiro permeado pelo autobiográfico. Quanto a essas relações limítrofes com o autobiográfico, Bakhtin diz: “Entendo por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida” (BAKHTIN, 2003, p. 139).

Convém ressaltar que não há outros livros escritos por Magdalena Antunes. A autora não se pretendeu romancista ou poeta, como ela mesma afirma em seu livro. Assim, autobiografando-se, deixou registrada não apenas sua vida, mas tudo o que aconteceu dentro de uma época e tudo aquilo que retrata os lugares onde viveu, notadamente o engenho e a cidade de Ceará-Mirim. Sobre os fatos vividos ela mesma diz em carta ao seu filho, Abel Antunes Pereira: “Tudo isso se acha riscado na areia dourada dos caminhos da minha infância e nas correntes prateadas da saudade que se entornam no coração” (ANTUNES, 2003, p. 15). Desse modo, diante deste trecho que destaca a saudade, pensamos na grande mescla que é esta narrativa: memória, autobiografia, saudade e identidade. Este aspecto remete ao que afirma Michel Pollak:

Nessa construção da identidade – e aí recorro à psicologia social, e, em parte da psicanálise – há três elementos essenciais. Há a unidade física [...]; há a continuidade do tempo [...]; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes sentimentos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que [...] podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade tanto individual como coletiva, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de identidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 5).

Pouco ou muito estetizada – critério que só se define de acordo com o olhar do crítico – a narrativa de *Oiteiro* traz um lirismo nostálgico. Este lirismo é sentido nas emoções de

*Imburana* – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN. n. 1, fev. 2010

quando criança quando Magdalena mostra, evocando, um retrato da vida das negras nos engenhos:

Tonha não aparecia.

Adormeci pensando no saquinho de brilhantes. Teria ela tempo de trazer-mo?

Acordei mais tarde com um ruído no quintal, a cancela batendo, tropel de cavalos, e logo após gritos partidos da cozinha. Alarmada, chamei Patuca e horrorizada perguntei o que era aquilo. Havia distinguido gritos de Tonha.

[...]

A Patuca alarmou-se e debruçando-se sobre mim disse com voz trêmula:

- É a negrinha apanhando pancada para não ser cavilosa... Pois não é que a pegaram já perto de Santa Cruz dos Góis?

Perguntei a medo:

- Ia a cidade de Olindra?

- Que invenção de Olindra? Perguntou a cativa admirada...

- Ela ia ver o saquinho de brianes para mim... Diga Patuquinha, diga tudo, quero saber, supliquei quase chorando... [...] (ANTUNES, 2003, p. 85 - 86).

Do muito que Madaglena Antunes narra, vê-se claramente que sua vida obedece ao ritmo – considerado comum para a época – de quem faz parte de uma sociedade patriarcal-escravocrata-senhorial. Ou seja, embora tomada de emoção e muita subjetividade, demonstrando através da larga adjetivação o valor que tudo tem no decorrer dos anos, a autora permite ao leitor observar no enredo de *Oiteiro* tanto aquilo que lhe é particularmente tocante, quando conhecer também muito da Etnografia, da História e da cultura dos tempos áureos dos engenhos norte-rio-grandenses.

### **Narrativa de autoria feminina**

Destacando o aspecto da autoria feminina, os estudos nessa área sobre a escritora, as personagens - enfim, acerca da representatividade literária feminina - têm buscado um espaço que vai além das questões primeiras levantadas pelo feminismo. Trata-se também de buscar a inserção da autoria feminina naquilo que são os compêndios e “manuais” de literatura, visto que o cânone deixou de fora não apenas as mulheres, mas uma série de outras categorias; os “ressentidos” nas palavras de Harold Bloom. Concordamos que

[...] uma leitura de gênero dos textos literários enfoca, obrigatoriamente, o aspecto social e dinâmico da produção literária, ou seja, a interligação entre as obras literárias e a produção de idéias e de conhecimento na sociedade” (EDFELDT e COUTO, 2008, p. 10).

Aliás, mais que isto, as páginas das memórias romanceadas de *Oiteiro* atestam que a literatura potiguar de autoria feminina tem publicações não tão recentes, embora, convém lembrarmos, segundo Viana (1995), que: “Barrada no baile da crítica, a mulher escritora fica impedida de esculpir na sociedade uma esfera de influência, de criar um público virtualmente produtivo [...] e participar efetivamente na definição e relações entre os homens [...]” (p. 170). Portanto, não admira que pouca divulgação tenha recebido *Oiteiro*. Talvez justamente pelo problema que vem sendo apontado pela crítica feminista: o de a História da Literatura ter excluído durante muito tempo, do cânone, os textos de autoria feminina.

Vale salientar que abordar a questão da autoria feminina a partir deste romance não significa tecer uma crítica feminista voltada para os estudos de gênero. Sobremaneira, porque não se pode dizer que *Oiteiro* tenha em seu enredo qualquer laivo de feminismo ou reivindicações próprias daquelas feitas pela também potiguar Nísia Floresta, cerca de um século antes do romance de Magdalena Antunes ser escrito. Não se faz necessário, após todas as conquistas feitas pelo movimento feminista tomar este aspecto ou caráter para uma determinada obra literária. Trata-se tão somente de elucidar a necessidade de trazer junto a obras de tantas outras épocas a presença feminina, e aqui referimo-nos especificamente à literatura brasileira e potiguar.

Quantos livros de Magdalenas, Narcisas, Júlias e tantas outras escritoras não ficaram fora do mercado editorial, fora de estudo, fora do conhecimento do público leitor e da crítica? Pensando conforme Schmidt,

A teoria e a crítica feminista situam-se no quadro de reconceptualização do campo epistemológico das Ciências Humanas através de paradigmas teóricos e discursivos que desconstroem a concepção normativa da cultura e seus códigos, uma vez que se ocupa das relações de poder e das amarras ideológicas embutidas nos mesmos, reivindicando a construção do sujeito feminino como sujeito do saber, da história, da produção cultural (SCHMIDT, 1995, p. 180).

Portanto, esclarecemos que a obra em si nada tem de feminista, pois a autora até comporta-se, de certo modo, como representante da aristocracia local e de seu meio, expressando-se apenas como coadjuvante dos atos e do *modus vivendi* de seu próprio tempo e condição social. De modo que a questão da autoria feminina conduz-nos a pensar se não há um determinado privilégio para a publicação de autoria masculina, dado o tempo que o livro

ficou fora de circulação e a pouca divulgação, no cenário literário norte-rio-grandense e nacional.

Outrossim, faz-se importante lembramos que a autoria feminina, de modo geral – não apenas a norte-rio-grandense – ficou muito tempo relegada ao plano marginal, o que pode ter influenciado ou não a questão de Antunes ter escrito apenas este livro de memórias. A análise da escrita feminina, tomando esta autoria como espaço em alguns aspectos diferenciado do espaço masculino – nomeadamente no que diz respeito a escritoras do século XIX e períodos anteriores – é recente. Magdalena Antunes publica já nos meados do século XX, porém, é somente a partir do final deste século, mais enfaticamente a partir do início do século XXI que seu romance passa a receber atenção mais destacada por parte da crítica literária do seu Estado.

### **Reminiscências e contadoras de histórias**

Buscando o que diz Jacques Le Goff: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar ‘identidade’, individual ou colectiva, cuja busca é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]” (LE GOFF, 2000, p. 57). acrescentamos que, por meio dessa atividade “fundamental aos indivíduos”, as reminiscências de Antunes configuram-se narrativa que contém outras narrativas. Além das descrições de lugares e figuras pitorescas da antiga Ceará-Mirim, tomar conhecimento das narrativas feitas pelas escravas revela-nos o contato com essa figura caríssima à literatura oral, o contador de história; neste caso, as contadoras, as escravas Tonha e Patuca. Dessas duas fiéis companheiras de aventuras imaginativas de Magdalena Antunes, Tonha é a “negrinha moleca”, de perfil espevitado, sempre a escutar conversas e a reproduzir, com base nas suas ingênuas conclusões o que ouve. Patuca é a negra-ama, a “bá” que existiu em tantos engenhos, cuidadora e zelosa dos filhos e filhas dos senhores patrões. Parte do dote da mãe de Magdalena, Patuca é quem vai iniciar a narradora e seus irmãos no mundo a imaginação, em que os seres fictícios ganham vida, a povoarem o universo infantil. Embora de modos diferentes, ambas as escravas desempenham importantes papéis na construção do imaginário da narradora, possibilitando que, mais tarde, ao fazer uso do discurso da memória, estejam as escravas num capítulo de *Oiteiro* que lhes é dedicado pelo título de *Tonha e Patuca*.

De acordo com um artigo de Câmara Cascudo, publicado no jornal *A República*, sobre o livro:

***Imburana* – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN. n. 1, fev. 2010**

Ninguém deixará de amar a negra Patica, Patiquinha, mãe-preta, contadora de histórias encantadas, Sherazade de ébano, enamorada do carreiro, que tange as juntas lentas fazendo gemer o queixo do carro sonoro. Nem Tonha, uma espécie de boneca Emília, uma boneca de carne, de olhos de jabuticaba. Cheia de imaginação e credulidade. (CASCUDO, 2003, p. 21 e 22).

Na tentativa de uma classificação, pode-se bem dizer que Tonha era uma contadora de causos, dessas de reproduzir em sua fala tipicamente do povo as histórias ouvidas em todo e qualquer lugar, dando-lhe a conotação de causos populares, trazendo sempre para a casa-grande as histórias cotidianas que circulavam pelos quatro cantos do engenho. Já as histórias de Patica:

As histórias de Patica, ora trágicas, ora alegres, como que estruturam o repertório de minhas elucubrações literárias. Só hoje, de alguma maneira, aquilato o precioso talento daquela anônima criatura, analfabeta e jungida ao cativeiro pelos nefandos laços de bárbara e inconcebível lei. As cadeias, porém, que a chumbaram ao jugo infamante não lhe tolhiam os vôos da imaginação esplendorosa e bela. [...] Só lhe faltava argúcia para avaliar a riqueza de mercês que lhe jorravam do coração, em proveito alheio. E ninguém mais do que eu usufruía os benefícios de tão excelsa bondade e raríssima modéstia (ANTUNES, 2003, p. 90 e 91).

Patrica era arauto do mundo mágico, encantado das histórias de Trancoso, dos contos de fadas ou de lendas cheias de magia que conhecia de outrora: *A Moura torta*, *a Lenda de Manuel e Maria*, a da *Maria Borracheira* ou a do *Príncipe encantado*, a novela dos três cavalos *Rompe-Ferro*, *Rompe-Nuvens* e *Corre-mais-que-o-vento*. Patrica exerce exatamente o papel de que fala Walter Benjamin sobre o contador de história, o narrador da oralidade, deixando o acervo que será repassado ao leitor por Magdalena Antunes, de modo que, observar os causos e histórias contados pelas escravas permite até mesmo que se possa estudar *Oiteiro* à luz da teoria benjaminiana do narrador. E é por isso que ressaltamos a importância de mais olhares críticos voltados para estas memórias.

*Oiteiro* apresenta também uma outra perspectiva de estudo. Embora carregada de subjetivismo, a autora refere-se diversas vezes ao tema da escravidão, e numa delas até cita Joaquim Nabuco. E José Lins do Rego, pontuando superficialmente a temática dos engenhos.

Todavia, acreditamos que observar e analisar criticamente os variados temas presentes é algo que se tornou viável graças a atenção voltada para a literatura escrita por mulheres. Não

por questões de valores, mas pela possibilidade editorial que o destaque dado à autoria feminina, possibilita.

Narradoras célebres como Sherazade há algumas, personagens femininas dos mais diversos tipos e perfis há várias. Mas a literatura foi durante muito tempo, no que diz respeito à questão autoral, reprodutora do modelo patriarcal da sociedade ocidental. Selecionar a voz de narradora de Antunes, considerando que sua narrativa memorialística permite o estudo da obra através de diversos ângulos críticos é fazer jus àquela a quem Câmara Cascudo já reconhecera o valor literário. E para tal, é com do mestre Cascudo que finalizamos esta breve análise, a qual não encerra as possibilidades ainda presentes em Oiteiro:

Os poucos capítulos ouvidos me encheram de lembrança. E também de orgulho. [...] Ninguém lerá sem emoção as páginas do velho oitizeiro. [...] Dona Magdalena Pereira provou que a saudade é uma tinta indelével. E fez um lindo livro, ensopado no leite da ternura humana. (CASCUDO, 2003, p. 20-21).

## REFERÊNCIAS:

- ANTUNES, Magdalena. *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça*. 2. ed. Natal: A. S. Editores, 2003. (Col. Letras Potiguares).
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994 (obras escolhidas, v.1)
- CASCUDO. Luís da Câmara. Oiteiro (memórias de uma “sinhá-moça”) - transcrito d’A República, órgão oficial do Estado. In: ANTUNES, Magdalena. *Oiteiro: Memórias de uma sinhá-moça*. 2. ed. Natal: A. S. Editores, 2003. (Col. Letras Potiguares).
- DUARTE, Constância Lima. e MACEDO, Diva Cunha P. (Org.). *Literatura do Rio Grande do Norte - Antologia*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto - Governo do Estado do RN - SET, 2000.
- EDFELDT, Catarina e COUTO, Anabela Galhardo. *Mulheres que escrevem, mulheres que lêem: repensar a literatura pelo gênero*. Lisboa: 101 Noites, 2008
- GEARY, Patricky. Memória. In: LE GOFF, Jacques e SCHIMITT, Jean Claude. (Dir.) *Dicionário temático do ocidente medieval*, v. 2. São Paulo (Bauru): EDUSC, 2002. P. 167 – 181.
- GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.
- LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. In: *El pacto autobiográfico y otros estudios*. Madrid: Megazul-Endimyon, 1996.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória - Vol. 1 e 2*. Lisboa: Edições 70, 2000.



POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p. 200-212. Disponível em [http://www.icarabe.org/cursos/.../6\\_memoria\\_e\\_identidade\\_social\\_pollak\\_.pdf](http://www.icarabe.org/cursos/.../6_memoria_e_identidade_social_pollak_.pdf). Acesso em 30/jan./2010.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Por uma poética das memórias*. Com Ciência Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. SBPC. Disponível em <<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/11.shtml>> Acesso em 28/maio/08.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: percursos e percalços. In: DUARTE, Constância Lima. *Anais do V seminário nacional mulher e literatura*. Natal: EDUFRN, 1995. (p. 175 – 187)

VIANA, Lúcia Helena. Nem musa nem medusa, o questionamento do *gender*: sujeito, escrita e cultura em *Água viva*. In: DUARTE, Constância Lima. *Anais do V seminário nacional mulher e literatura*. Natal: EDUFRN, 1995. (p. 159 – 167)

ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.